

A FENOMENOLOGIA NAS OBRAS DE GUERREIRO RAMOS

Alguns fundamentos para o estudo das organizações

Sissiliana Vilchez de Rabanal	Pedro Aldo R. Ramirez
SUESC- FEFRJ / FGV On-Line / UNISUAM/ CLAFEN	AEDB / FGV On-Line / SUESC- FEFRJ / Univercidade - EaD
sissiliana@suesc.com.br / sissiliana@fgv.br	pramirez@fgv.br / pramirez@superig.com.br

RESUMO

O presente estudo identifica a Abordagem Fenomenológica nos textos produzidos pelo sociólogo brasileiro Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) e expõe alguns fundamentos que possam contribuir ao estudo da ação humana nas organizações.

A Fenomenologia é uma atitude de reflexão, um movimento de idéias que dá relevância ao Ser do humano, com método próprio que busca na “redução eidética” o possível no real e na “hermenêutica” o mostrado-escondido e sua verdade polissêmica.

É na Hermenêutica Fenomenológica que o estudo está apoiado. É um pensamento original de **Paul Ricoeur**¹, com metodologia própria considerado um dos mais profundos e ricos desta época. Sua teoria da interpretação expressa a *tarefa* de desvelar a realidade mediatizada pela linguagem, conciliando os aspectos compreensivo, semântico-simbólico, reflexivo e existencial-explicativo.

Para orientar o pesquisador em um primeiro momento localizamos os textos (obras e artigos de revistas) de Guerreiro Ramos. Em um segundo momento, realizamos uma leitura preliminar de todo o material, seguindo a cronologia da produção dos textos. Em um terceiro momento, escolheram-se os “textos alvos” para concretizar o estudo.

Os critérios norteadores do estudo foram: a) descrever o “aparecer” da Fenomenologia no “mundo das obras” produzidas por Guerreiro Ramos; b) identificar os fundamentos e/ou categorias Fenomenológicas trabalhadas por Guerreiro Ramos que possam contribuir ao estudo das organizações e c) apresentar a aplicabilidade dessa abordagem em organização inseridas no ambiente de hipercompetição.

Guerreiro Ramos difundiu com ênfase a relevância da ação humana e os valores singulares de cada sociedade, grupo e organização.

Nas suas obras destacam-se o referencial da Fenomenologia de Husserl na que se inspira para fundamentar a “Redução Sociológica” como atitude metódica e o “Homem Parentético” como análise da condição humana presente nas organizações, desvelando ainda as anomalias ontológicas das sociedades de mercado.

Ainda neste estudo apresentamos um exemplo de como na atualidade poderia ser utilizada a fenomenologia para solucionar problemas existenciais nas empresas inseridas no ambiente de hipercompetição (revolução tecnológica) especificamente na área de planejamento estratégico de negócios e de tecnologia da informação, proposta que futuramente será aprofundada.

PALAVRAS CHAVES

Teoria das organizações, Abordagem Fenomenológica, Redução Sociológica, Homem Parentético, racionalidade *noética*, ciência multidimensional da organização, hipercompetição, planejamento estratégico de negócios e de tecnologia.

¹ **RICOEUR, Paul** (1913 - 2005) nasc. em Valence - França. Filósofo, que tem trabalhado em vários Liceus como os de Colmar, Nancy e Rennes e na Universidade de Estrasburgo. Foi Professor na Sorbonne e Membro do Instituto Internacional de Filosofia.

1. ALGUNS FUNDAMENTOS DA FENOMENOLOGIA

A Fenomenologia constitui-se como uma *atitude*, uma *postura* filosófica ou um movimento de idéias com método próprio. Uma *abordagem* (como diria Heidegger para não designá-la como método) que teria que ser vista a partir de seu fundador **Edmund Husserl**, que procura mostrar que nenhuma verdade é um fato, isto é, algo de determinado no tempo. Embora todo conhecimento parta da experiência, observa *Husserl*, isto não significa que derive da experiência. A objetividade que caracteriza a verdade não significa a concordância de um enunciado com um estado de coisas dado ou com um vivido temporal. Mas a consciência, enquanto expressão, é animada por um sentido que não procede da presença pura e simples do objeto ou da situação designada, mas que procede de um ato mediador, a “intenção de significação”.

A Fenomenologia implica uma reflexão racional pretendendo descrever fielmente uma atitude penetrante, os “fenômenos” e as “coisas”.

Husserl, desta maneira, postula uma concepção de subjetividade que transcende o conteúdo psíquico real. Propõe uma análise do fenômeno vivido como tal, excluindo qualquer pressuposto relativo a uma natureza psíquica. O objeto de *Husserl* é a consciência viva enquanto se exprime e dá sentido à experiência. Para alcançar o seu intento, *Husserl* propõe o método fenomenológico.

A abordagem Fenomenológica tem por objeto o que transcende as particularidades empíricas de que se investe o fenômeno enquanto aparência. Em outras palavras, tem por objeto a “vivência” e não o fato psíquico ou “o estado de consciência atual através do qual o fenômeno se dá”. Caracterizando-se o fenômeno por esta “transcendência”, podemos dizer, como outros já observaram, que o saber buscado pela Fenomenologia não é um saber “sobre” o fenômeno, mas “do” fenômeno. É o que se denomina “redução Fenomenológica”. Refere-se essencialmente a uma “constituição de sentido. Uma abordagem Fenomenológica implica a pergunta fundamental: “a que maneira de “vivenciar” ou “intencionar” o mundo corresponde o comportamento considerado.

Por conseguinte, a Fenomenologia, supõe um método e um modo de perceber-se inseridos no estudo do fenômeno.

Para *Husserl*, na depuração do fenômeno só interessa um conteúdo puro, a significação pura, daí a distinção que faz entre transcendente e transcendental.

O transcendental, para *Husserl*, significa conhecer o sujeito como situado ao nível da intencionalidade *noética* e de seus correlatos *noemáticos*.

Isso significa que a intencionalidade engloba todo o tipo de experiência vivida e, por conseguinte, a análise Fenomenológica implica em que a consciência seja sempre consciência de alguma coisa, e o objeto seja sempre objeto para a consciência.

Esta análise, que se denomina dos atos da consciência intencional, para *Husserl*, supõe uma estrutura *noética-noemática*, na qual o Ser aparece na sua essencialidade.

A relação sujeito e objeto não significam a relação entre duas realidades externas independentes e sim entre dois pólos correlativos da relação intencional na consciência, pois preencher um objeto é intencioná-lo e torná-lo significativo.

Diferente do método científico, a fenomenologia não procura um invariante no sentido do que não varia, e por esta razão, a Fenomenologia não é uma ciência exata. Busca-se o invariante no sentido do que é impossível à consciência pensar de outro modo e, por isso, a Fenomenologia é um saber rigoroso, uma vez que dá conta do caráter fluente da vivência.

2. ALBERTO GUERREIRO RAMOS (1915 - 1982)

Alberto Guerreiro Ramos como nos relata Robert Biller no prefácio da 2.^a edição americana da “Nova Ciência das Organizações”, nasceu na Bahia, em 1915, orgulhoso de sua ancestralidade africana, ele trabalhou intensamente no desenvolvimento brasileiro, proferiu aulas e conferências na Europa e na Ásia e alcançou o auge de sua capacidade intelectual durante os dezesseis anos que passou nos Estados Unidos, onde morreu em 1982.

Como professor, Guerreiro Ramos conjugou a construção teórica com a constante atenção para a prática da tarefa do desenvolvimento. Ele inspirou toda uma geração de estudantes como professor da Escola de Administração da Universidade do Sul da Califórnia. Inúmeros artigos, ensaios e livros constituem uma obra duradoura, Guerreiro Ramos trabalhou também na “Escola Brasileira de Administração Pública”, na Universidade Rural do Rio de Janeiro e foi chefe do Departamento de Sociologia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Foi professor visitante nas universidades de Yale, Wesleyan, Paris, Universidade Federal de Santa Catarina, bem como nas Academias de Ciências da União Soviética, Iugoslávia e da República Popular China.

Como um homem de ação, Guerreiro Ramos trabalhou, durante toda uma geração, no Departamento Administrativo do Serviço Público, foi membro da Delegação do Brasil à Assembléia Geral das Nações Unidas em 1961, Deputado Federal, Diretor de Pesquisas do Ministério do Trabalho e Assessor dos Presidentes Vargas, Kubitschek e Goulart.

Guerreiro Ramos integralizou todas essas facetas numa vida dinâmica e multidimensional; ele foi catedrático, conselheiro, poeta, teórico, mestre, amigo. Sério com os colegas; fervoroso, provocante e zeloso com seus estudantes, Guerreiro Ramos entendia que a vida é um processo ativo e deliberado a ser experimentado integralmente, está vivo na contínua expansão e impacto de sua obra. Ele é um desses seres ímpares que soube combinar sua própria vivência com as lições de seus antepassados e construir desse conflito e diversidade a promessa de um futuro melhor.

2.1. Obras de Guerreiro Ramos consideradas “textos alvos” do estudo

Tratam-se de três obras existencialmente ligadas escolhidas como textos-alvo.

- A Redução Sociológica (Introdução ao Estudo da Razão Sociológica). Textos Brasileiros de Sociologia. Rio de Janeiro. 1958

Uma das primeiras obras de Guerreiro Ramos que foi publicada em 1958 pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros. O próprio autor nos diz, que “as idéias deste livro foram fragmentariamente apresentadas nos cursos regulares que o autor tem ministrado no Instituto Superior de Estudos Brasileiros e na Escola Brasileira de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas. Constituíram ainda a matéria de dois cursos monográficos, um realizado em Salvador, sob o patrocínio da Universidade da Bahia, em outubro de 1957, e outro realizado no ISEB, em maio de 1958.” (Ramos, 1958:19).

Aqui **autores** e **corrente** de pensamento fenomenológica: EDMUND HUSSERL (Fenomenologia Transcendental), MARTIN HEIDEGGER (Fenomenologia Existencial), KARL JASPERS (Fenomenologia Existencial), GABRIEL MARCEL (Fenomenologia Personalista), GURVITCH GEORGES (Sociologia Fenomenológica), MAURICE MERLEAU-PONTY (Fenomenologia da Percepção), PAUL RICOEUR (Hermenêutica-Fenomenológica), JEAN PAUL SARTRE (Fenomenologia Existencial), MAX SCHELER (Sociologia Fenomenológica), ALFRED SCHUTZ (Fenomenologia Sociológica) e EDITH STERN da Fenomenologia Sociológica.

- Modelos de Homem e Teoria Administrativa. Revista de Administração Pública. vol.19 n.º. 2 (3-12) ABR/JUN. Rio de Janeiro, 1984.

Identifiquei novamente a presença de HUSSERL (Fenomenologia Transcendental) e de LANE, R. E. (Fenomenologia Sociológica)

- A Nova Ciência das Organizações. Uma reconceituação da riqueza das nações. 2ª edição. Editora da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. _ 1989

Encontramos também a HUSSERL (Fenomenologia Transcendental) e GURVITCH GEORGES (Fenomenologia Sociológica.)

Podemos perceber, então, que ele fundamenta suas reflexões principalmente em *Husserl* (Fenomenologia Transcendental), em *Heidegger* (Fenomenologia Existencial) e em *Gurvitch* (Fenomenologia Sociológica).

3. A POSTURA FENOMENOLÓGICA NAS OBRAS DE GUERREIRO RAMOS

Conseguimos perceber que ao auxiliar-se da Filosofia Fenomenológica Guerreiro Ramos, exercita a “redução fenomenológica” propondo-a como uma atitude metódica dando relevância ao Ser Humano, propondo o “Homem Parentético” e finalmente levando em consideração estes dois referenciais nos revela uma nova ciência: “a ciência multidimensional da organização”.

3.1. A Redução Fenomenológica

Guerreiro Ramos abre um espaço dentro de sua obra “A Redução Sociológica” (1958) para explicarmos acerca da “redução fenomenológica”. Também chamada por Husserl como *redução eidética* sendo esta a atitude metódica para o desvelamento de um fenômeno que Guerreiro Ramos vivenciou nesta obra; por exemplo: a consciência crítica da realidade brasileira nos anos 50-60.

Neste entendimento, a Fenomenologia procura a análise do vivido. Esta atitude significa que todo fenômeno tem um “*eidós*” – essência não se podendo reduzi-lo apenas a um fato.

Para encontrar a essência mesma do fenômeno, *Husserl* propõe a chamada “redução eidética” e que consiste em, a partir dos exemplos fornecidos pela experiência, “descrever todas as variações de que é suscetível de sofrer o fenômeno, sem que deixe de ser o que é. Isto é, o sujeito visa uma experiência transcendental através do seu eu puro em relação ao objeto puro. Para isso precisa-se mover-se num “fluxo puro” procedendo às reduções : *histórica, eidética e transcendental*.

A “redução sociológica” justifica-se no referencial de Heidegger e de Husserl. Considerando duas acepções do termo “intencionalidade” estritamente ligadas. Na primeira acepção (*intentionalität*), a palavra usa-se para esclarecer que a consciência está sempre referida aos objetos e na segunda acepção (*absicht*), a palavra designa o conteúdo significativo ou referencial dos objetos no mundo, o “para que”.

Para justificar ainda mais a “redução fenomenológica” no domínio da sociologia recorre às idéias de Gurvitch, que utiliza um processo redutor para descobrir critérios de classificação de formas de sociabilidade. Gurvitch, porém, utiliza a “redução fenomenológica” à maneira que Husserl chama de “primeira redução”, isto é, a “redução histórica”, conduzindo-se como filósofo, embora deseje atingir o espaço da “sociologia em profundidade”. Procedendo, assim à Fenomenologia do social, o que corresponde a “uma decomposição imanente, atravessando em profundidade as camadas superpostas da realidade social em busca de dados cada vez mais imediatos do social.

Guerreiro Ramos (1958:45-47) descreve a “redução fenomenológica” como:

1. **Atitude metódica** : afirma que “a atitude natural não põe em questão os aspectos diretos dos dados que lhe são oferecidos. A atitude metódica os *põe entre parêntese* , isto é, exime-se de toda afirmação ou aceitação desses aspectos, invertendo, por assim dizer, o processo ordinário da atitude natural” (Guerreiro Ramos, 1958:45)
2. **Não admite a existência na realidade social de objetos sem pressupostos** : respeito disto nos manifesta que “a realidade social não é uma congerie, um conjunto desconexo de fatos. Ao contrário, é sistemática, dotada de sentido, visto que sua matéria é vida humana. E a vida humana se distingue das formas inferiores de vida por ser permeada de valorações. Portanto, os fatos da realidade social fazem parte necessariamente de conexões de sentido, estão referidos uns aos outros por um vínculo de significação.” (Guerreiro Ramos, 1958:45)
3. **Postula a noção de mundo** : o autor nos explicita que “isto quer dizer que considera a consciência à luz da reciprocidade de perspectivas. O essencial da idéia de mundo é a admissão de que a consciência e os objetos estão reciprocamente relacionados. Toda consciência é intencional porque estruturalmente se refere a objetos. Todo objeto, enquanto conhecido, necessariamente está referido à consciência. O mundo que conhecemos e em que agimos é o âmbito em que os indivíduos e os objetos se encontram numa infinita e complicada trama de referências” (Guerreiro Ramos, 1958:45)
4. **É perspectivista** : Guerreiro Ramos nos diz respeito disto: “à perspectiva em que estão os objetos em parte os constitui. Portanto, se transferidos para outra perspectiva, deixam de ser exatamente o que eram. Não há possibilidade de repetições na realidade social. O sentido de um objeto jamais se dá desligado de um contexto determinado”.
5. **Seus suportes são coletivos e não individuais** : “o sociólogo chega à redução sociológica quando torna sua exigência de autoconformação surgida na sociedade em que vive. A redução sociológica é um ponto de vista que tem a consciência de ser limitado por uma situação e, portanto, é instrumento de um saber operativo e não da especulação pela especulação. Por aí se revela o caráter coletivo de seus suportes. Para que alguém apreenda e pratique a redução sociológica, carece viver numa sociedade cuja autoconsciência assuma as proporções de processo coletivo. A redução sociológica não é, portanto, em sentido genérico, primariamente um ato de lucidez individual. Fundamenta-se numa espécie de lógica material, imanente à sociedade”.
6. **É um procedimento crítico-assimilativo da experiência estrangeira** : “A redução sociológica não implica isolacionismo, nem exaltação romântica do local, regional ou nacional, É, ao contrário, dirigida por uma aspiração ao universal mediatizado, porém, pelo local, regional ou nacional.
7. **A redução sociológica é atitude altamente elaborada (embora seus suportes coletivos sejam vivências populares)** : “A redução sociológica de um produto cultural, de uma instituição, de um processo, não se alcança senão recorrendo a conhecimentos diversos, principalmente de história. A atitude redutora não é modalidade de impressionismo. Para ser plenamente válida, no campo da ciência, precisa justificar-se, basear-se num esforço de reflexão, hábil para demonstrar, de modo consistente, as razões nas quais se fundamenta, em cada caso”. (pp.45-47)

3.2. A Relevância da Condição-Humana / O Homem Parentético

Guerreiro Ramos nos mostra através de suas obras sua preocupação com a qualidade de vida das pessoas engajadas em sociedades de tecnologia avançada. Ele nos diz respeito disso; “É feliz a pesar de um tanto rebarbativo, o conceito de ‘condição-humana situada e datada’, (...) que contorna as cediças conotações do termo indivíduo” (Ramos, 1958:68)

O autor reflete esta noção apoiado em Monnerot que diz que “A visão depende dos valores. Só a condição-humana situada e datada confere um sentido ao que vê. Ora, a condição-humana situada e datada é aquilo que valoriza. Em toda visão manifesta-se a atividade valorizadora da condição humana. Trata-se de descrever corretamente o aparecimento que é o correlato desta visão, o noema desta nóesis” (In Ramos, 1958:68).

O autor, acrescenta, que “é precisamente a tomada de consciência, pelo sociólogo, de tais implicações da condição-humana situada e datada que, segundo Monnerot, o tornaria apto a praticar a verdadeira sociologia, a sociologia compreensiva, que permite passar de um ponto de vista a outro” (p.68). Pois, é evidente que a Fenomenologia tem como um de seus fundamentos a Relevância do Ser do Humano, isto é, a busca da autenticidade de nossa Humanidade.

Mas, Guerreiro Ramos trilha muito mais pelo caminho da Fenomenologia e apresenta sua concepção de homem (o “Homem Parentético”), transcendendo a concepção de homem “Operacional” e “Reativo”.

Idéia que encontramos num artigo da Revista de Administração Pública “Modelos de Homem e Teoria Administrativa” (1984), onde pude perceber que ele vai em busca de Robert Lane (sociólogo), que à vez está fundamentado na Fenomenologia de *Husserl*, para apresentar o que denominou de um novo modelo de homem, o “homem parentético”.

Ele questiona a teoria administrativa que trabalha com a visão do Ser Humano como “homem operacional” e como “homem reativo”.

Guerreiro Ramos (1984:5) diz a respeito disso, que o “**homem operacional**” é equivalente ao *Homo economicus* da economia clássica, ao *Homo sociologicus*, largamente adotado pelo modelo acadêmico da sociologia e ao *Homo politicus* que David Truman, Christian Bay e Sheldon Wolin descreveram como o modelo predominante na ciência política vigente. Como as características psicológicas básicas são comuns a esses tipos, os estudiosos são levados a se conformar com o critério inerente ao sistema social industrial preocupando-se, portanto, somente em buscar sua manutenção”.

Esta abordagem consolidada nas organizações olhava o homem como um recurso a ser maximizado, no sentido, de um produto físico mensurável. Exercer dita abordagem implicava:

- 1) a prática de “um método autoritário de alocação de recursos, no qual o trabalhador é visto como ser passivo que deve ser programado por especialistas para atuar dentro da organização”;
- 2) exercitar o “conceito de treinamento como uma técnica para ‘ajustar’ o indivíduo aos imperativos da maximização da produção”;
- 3) ter uma “visão de que o homem é calculista, motivado por recompensas materiais e econômicas e, como trabalhador, é psicologicamente diferente de outros indivíduos”;
- 4) ter uma “visão de que administração e teoria administrativa são isentas ou neutras”;
- 5) demonstrar uma “indiferença sistemática às premissas éticas e de valores do ambiente externo”;

- 6) considerar que “aspectos da liberdade pessoal são estranhos ao modelo organizacional”;
- 7) exercer o “conceito de que o trabalho é essencialmente um adiamento da satisfação”. (Ramos, 1984:5)

Propõe-se, então, o modelo de homem chamado de “**homem reativo**”, que vê o sistema industrial e a empresa funcionando como variáveis independentes, considerando como objetivo principal da administração reforçar os comportamentos que apoiem sua racionalidade específica.

Mas, em comparação com os operacionalistas, os humanistas, diz Ramos (1984:5):

- 1) “tinham uma visão mais sofisticada da natureza da motivação do homem”;
- 2) “não negligenciaram o ambiente social externo à organização e, por essa razão, definiram a organização como um sistema social aberto”;
- 3) “perceberam o papel desempenhado, no processo de produção, pelos valores, sentimentos e atitudes”.

Esta abordagem foi excessivamente praticada consolidando a total inserção do trabalhador na organização virando o que Whyte Jr. chamou de “homem organizacional”.

Compreendendo estas abordagens, Guerreiro Ramos, pergunta *a prática da administração progrediu além desse ponto ?*. Ele responde que não, pois os modelos operacional e reativo ainda estão influenciando a estrutura dos sistemas sociais e organizacionais no Brasil. Ele também percebe que no meio intelectual estas abordagens são profundamente criticadas, mas nenhuma alternativa de ampla aceitação foi ainda apresentada para eles.

Ambas as teorias parecem basear-se numa visão ingênua da natureza do ser humano, pois, por exemplo, a reativa considera como insumos as pessoas, os materiais e a energia, e perde de vista os aspectos éticos e valorativos do “mundo da vida”, cuja racionalidade e legitimidade são ignoradas. Daí o problema fundamental que envolve a “integração indivíduo / organização”, como diz Guerreiro Ramos, “aqueles que defendem tal integração omitem o caráter básico, duplo, da **racionalidade**. De fato existe uma racionalidade cujos padrões nada têm a ver com o comportamento administrativo. Esta racionalidade, chamada de substantiva e noética por Karl Mannheim e Eric Voegelin, respectivamente, é um atributo intrínseco do indivíduo como ser racional, e nunca pode ser vista como pertencente a qualquer organização” (Ramos, 1984:7).

Aqui o autor nos ajuda a desvelar o caráter duplo e fundante da racionalidade do homem como Ser racional, estamos falando da **racionalidade instrumental** e a **racionalidade noética** .

Como ele mesmo nos explicita, “a racionalidade noética não está necessariamente relacionada com coordenação de meios e fins, do ponto de vista da eficiência. Deriva dos imperativos imanentes da própria razão, entendida como uma faculdade específica do homem e que exclui a obediência cega às exigências de eficiência (...). O comportamento humano que ocorre sob a égide da racionalidade noética pode ser administrativo apenas por acaso, não por necessidade. A organização e seus líderes podem julgar é racionalmente instrumental para a suas finalidades, mas nunca sua adequação à racionalidade noética”. (Ramos, 1984:7)

Por conseguinte, Guerreiro Ramos nos apresenta sua concepção de homem em sociedades industriais avançadas, propõe um modelo de homem a modo de desafio que consiga transcender o homem operacional e reativo e como uma tarefa para os estudos da sociedade e das organizações : o “**homem parentético**”.

O adjetivo “parentético” que Guerreiro Ramos vale-se vem da noção husserliana de “em suspenso” e “parêntese”, já que *Husserl* desenvolve a distinção entre a atitude natural e crítica, isto é, a atitude natural é aquela do homem “ajustado”, desinteressado da racionalidade noética e aprisionado em seu imediatismo. A atitude crítica suspende ou coloca entre parêntese a crença do mundo comum, permitindo ao indivíduo alcançar um nível de pensamento conceitual e, portanto, de liberdade.

Daí que, Guerreiro Ramos, nos faz compreender que o “homem parentético” não pode deixar de ser um participante da organização. Porém, justamente por tentar ser autônomo, ele não pode ser psicologicamente enquadrado como aqueles indivíduos que se comportam de acordo com os modelos reativo e operacional. Ele possui, então, como diz *Husserl* uma atitude crítica altamente desenvolvida das premissas de valor presentes no dia-a-dia.

Nosso autor define o *homem parentético* como “um reflexo das novas situações sociais, que hoje são mais perceptíveis nas sociedades industriais avançadas (...) que irão prevalecer eventualmente pelo mundo inteiro, e uma reação a elas.” (Ramos, 1984:8). Argumenta ainda que o homem parentético “está apto a graduar o fluxo da vida diária para examiná-lo e avaliá-lo como um espectador. É capaz de afastar-se do meio familiar. Ele tenta deliberadamente romper suas raízes; é um estranho em seu próprio meio social, de maneira a maximizar sua compreensão da vida. Assim, a atitude parentética é definida pela capacidade psicológica do indivíduo de separar a si mesmo de seu ambiente interno e externo. Os homens parentéticos prosperam quando termina o período da ingenuidade social. Por esta razão, o que Lane chama de sociedade ‘informada’ é o ambiente natural do homem parentético” (Ramos, 1984:8)

Além disso, esclarece, que o homem parentético ao invés de favorecer um relativismo inconseqüente, como o ‘homem versátil’, está “eticamente comprometido com valores que conduzem ao primado da razão (no sentido noético) na vida social e particular. Desse modo, sua relação com o trabalho e com a organização é muito peculiar” (Ramos, 1984:9)

Dando resposta a Robert Presthus e sua obra “the organizational society” (1965) onde apresenta três modelos de homem que caracterizam as pessoas que trabalham nas organizações, Guerreiro Ramos argumenta, que ele apresentaria então, um quarto modelo de homem, que não iria a esforçar-se demasiadamente para ascender na organização, seguindo padrões convencionais, pelo contrário um homem que se preocuparia mais pelo seu Eu e teria mais urgência em encontrar um significado para sua vida. Um homem que não aceitaria acriticamente padrões de desempenho, embora pudesse ser um grande empreendedor quando lhe atribuíssem tarefas criativas. Não trabalharia apenas para fugir à apatia ou indiferença, porque o comportamento passivo iria ferir seu senso de auto-estima e autonomia. Um homem que iria a esforçar-se para influenciar o ambiente, para retirar dele tanta satisfação quanto pudesse. Seria ambivalente em relação à organização, mas não do modo descrito por Presthus. Sua ambivalência seria derivada de sua compreensão de que as organizações como são limitadas pela racionalidade funcional teria que ser tratada segundo seus próprios termos relativos.

Levando isso em consideração, Guerreiro Ramos observa, que a teoria das organizações não deve mais justificar e legitimar a racionalidade funcional da administração, pois as situações sociais tem-se transformado. “O que leva às crises nas organizações atuais é o fato de que sua estrutura organizacional e forma de operação admitem que as antigas carências continuam a ser básicas, enquanto, na realidade, o homem contemporâneo está consciente de que as carências críticas pertencem a outro

grupo, isto é relacionam-se a necessidade que se situam acima do nível de simples sobrevivência” (Ramos, 1984:9)

Guerreiro Ramos, aponta, que a renovação e a transformação organizacional, em sociedades de tecnologia avançada só tem sentido até o ponto em que representam uma tentativa para dar às pessoas uma sensação de verdadeira participação social. Daí que não é suficiente criar organizações senão transcender esta idéia e pensar na sociedade como um todo.

3.3. Alguns Fundamentos Fenomenológicos para uma “Nova Ciência das Organizações”

A própria leitura nos levou a desvelar que Guerreiro Ramos antes de propor uma nova ciência para o estudo das organizações conseguiu apreender aspectos significativos e fundantes da Fenomenologia Transcendental e Existencial.

O que ele admitiu na sua obra “a redução sociológica” tem intrínseca relação com sua obra “a nova ciência das organizações”. Daí que colocamos como antecedentes de sua vida intelectual suas primeiras reflexões inscritas na primeira de suas obras:

- Nos países periféricos, a idéia e a prática da redução sociológica somente podem ocorrer ao cientista social que tenha adotado sistematicamente uma posição de engajamento ou de compromisso consciente com o seu contexto. O próprio Guerreiro Ramos nos explicita este enunciado com intenção de diferenciar a posição do cientista social, observando que existe uma “diferença essencial entre um engajamento sistemático e um engajamento ingênuo”, isto é, do cientista em relação a seu mundo. Inclusive professam um universalismo não qualificado objetivando “depurar a sua prática científica do influxo de um compromisso com a realidade social” o que na verdade a Fenomenologia, não aceita. Além disso, os ditos cientistas sociais “julgam que esse influxo vicia a atividade científica” e ainda nos diz, Guerreiro Ramos (1958: 75) que “nos países periféricos, os especialistas que adotam esse modo de ver, não refletindo sobre os pressupostos da prática científica, ficam indefesos diante da perspectiva implícita na produção científica estrangeira e sucumbem às suas premissas de valor,...”.

A posição de “engajamento” sustentado pela Fenomenologia não tem nada a ver com aquelas atitudes subalternas, de auto-exaltações, de manipulação de resíduos emotivos em nome da ciência, pelo contrário é baseada numa crítica radical, isto é, “numa reflexão sobre os fundamentos existenciais da ciência em ato ou da produção científica. O compromisso de que se fala aqui, na medida em que seja sistemático, situa o cientista no ponto de vista universal da comunidade humana... Esta posição confere extrema lucidez ao cientista, pois o leva a colocar, sob a luz da consciência, as virtualidades que habitualmente estão obscurecidas na conduta ordinária” (Ramos , 1958: 76). Quer dizer, desvelar o oculto-escondido no “mundo da vida”, recolocando-se o cientista como “pessoa humana ou sujeito ” no contexto do conhecimento, ser engajado no mundo de todos “nós”, ao apresentar está idéia vinda da Fenomenologia Guerreiro Ramos põe em questionamento a velha dicotomia sujeito-objeto, mas continuemos interpretando o texto de Guerreiro Ramos.

Para a Fenomenologia e como o próprio Guerreiro Ramos admite, “não existe um eu acósmico ou a-histórico capaz de postar-se diante do mundo, livre de condicionamentos. O eu e a consciência do eu brotam do “nós” que os antecede lógica e historicamente. A consciência ingênua não percebe a implicação recíproca do ser humano e do mundo. Resíduo de ingenuidade se encontra na atitude do cientista que acredita numa ciência imune de condicionamentos”. (Ramos , 1958: 77).

O autor se está referindo à “intersubjetividade” que a Fenomenologia sustenta, isto é, o que nos faz Humanidade, o “nós” que nos antecede lógica e historicamente. E, ao “mundo da vida” do qual somos projeto.

Questionando ainda mais a velha dicotomia sujeito-objeto, ele nos manifesta que, “As concepções do conhecimento, de um lado, como determinações do objeto pelo sujeito; de outro, como determinação do sujeito pelo objeto, não são as únicas possíveis no domínio da gnoseologia. O conhecimento, descritivamente, é uma relação entre a consciência cognoscente e o objeto, na qual se verifica reciprocidade de influência, fato este que não foi visto pelas antigas teorias gnoseológicas. No plano histórico-social, essa reciprocidade de influências permite compreender a idéia de mundo, que torna inteligíveis as relações entre o sujeito e o objeto. O mundo não é uma coleção de objetos que possamos contemplar do lado de fora. Estamos necessariamente no mundo e por ele somos constituídos. O homem é *ser-no-mundo*, não, porém, como um par de sapatos está numa caixa, mas enquanto suas ações implicam o mundo, ou uma visão prévia do mundo (*Weltanschauung*)”(Ramos, 1958:77)

A Fenomenologia através de seus autores Jaspers e Dilthey, citados no texto de Guerreiro Ramos, ajudam a esclarecer que o homem concreto e engajado no mundo, o autor diz que a “nossa existência supõe um a *priori* histórico-social. Não aceitamos uma visão de mundo como esposamos uma doutrina ou nos convertemos a uma religião. Vivemos necessariamente a visão de mundo de nossa época e de nossa nação...um ponto de vista não escolhido, (...), não escolhi tal corpo, tal país, tal caráter (...). É a partir de um engajamento vital que as coisas adquirem sentido para nós. E o alcance de nossa relação vital cotidiana não é algo cuja eliminação fosse de desejar. Nada para o homem teria sentido se não pudesse ser referido a um engajamento vital.” (Ramos, 1958:78). Para reforçar esta reflexão de Guerreiro Ramos, devo citar ao próprio Jaspers, que diz : “é porque estou certo de estar vivo que posso elaborar uma teoria de vida, porque estou ligado à minha paisagem por mil laços históricos e afetivos que posso edificar uma física da natureza, porque estou integrado a grupos sociais que posso constituir uma sociologia” (In Ramos, 1958:78)

Por outro lado, Guerreiro Ramos, questiona a polaridade entre teoria - prática . Ele refleti que “Todo fazer humano implica uma ‘interpretação’ das coisas que manipula, como todo teorizar é extensão do fazer ao nível da representação. Não é, pois, legítimo extremar a distinção entre teoria e prática. Ambas tem sua raiz comum no que Heidegger chama de ‘cuidado’ (‘*Sorge*’) ... Supor que o homem teoriza primeiro e age depois é incorrer em erro. O homem não se esgota no pensar, é também sentir e querer. O pensar é apenas um aspecto particular da vida, que consiste em converter em objeto determinado conteúdo do agir humano. A nova teoria, resultante do esforço de pensar, era, no agir humano, uma virtualidade. É precisamente a ‘reflexão’ que torna explícita e exprime, de modo elaborado, a virtualidade implícita no agir humano.” (Ramos, 1958:79).

O autor ao refletir esta idéia mergulha na idéias de Heidegger, (interpretação e reflexão). O homem não é apenas um “ser-no-mundo ou *Dasein* como diria Heidegger mas também um projeto do mundo ou um “ser-do-mundo” em determinada forma histórica particular. Daí que Guerreiro Ramos, manifesta que nos países periféricos “enquanto permanecem ordenados ou articulados para fora, referidos a um centro dominante que lhes é exterior, carecem da condição mesma que os habilitaria à prática da redução. Esta, no caso, surge como pormenor da reação global de um país situado no âmbito de dominação de outro mais poderoso, no sentido de obter capacidade auto-determinativa. Nesses países periféricos, a sociedade não está fundada segundo critérios

próprios, é algo a fundar e, por isso, a assunção, o engajamento abre, para o intelectual, um horizonte de infinitas possibilidades. (Ramos, 1958:82)

À luz da redução sociológica, toda produção científica estrangeira é, em princípio, subsidiária.: Guerreiro Ramos para explicitar este enunciado cita a Husserl e diz ; “Para Husserl, o eu está sempre relacionado com os objetos. Mas, a fim de tirar partido deste enunciado de Husserl, no campo da sociologia, é necessário considerar o eu e os objetos no plano empírico ou no eidético, jamais no plano transcendental. O sujeito ordinário da vida psíquica é sempre alguém cuja consciência está referida a objetos concretos de uma circunstância determinada. Estes objetos não estão simplesmente justapostos, constituem uma totalidade dotada de sentido de que cada um deles participa. Assim, para o sociólogo, a intencionalidade de que fala Husserl tem sempre concreticidade. É preciso distinguir a intencionalidade do eu puro da intencionalidade do eu concreto, episódico, historicamente configurado. O eu só é sujeito do ponto de vista da redução transcendental. Para a redução sociológica, o sujeito é, porém, o eu concreto, inserido na comunidade” (Ramos, 1958:84)

Neste item de seu texto Guerreiro Ramos esclarece a especificidade da Fenomenologia Sociológica face à redução, como atitude metódica que contribua com a produção de conhecimento científico, pois para Husserl, um objeto pode aparecer à consciência segundo diversos *nóemas*, mantendo, no entanto, sua identidade apesar de todas as perspectivas. O *nóema* não é pois a essência do objeto, é o conteúdo objetivo de um ato intencional, não é uma redução do objeto puro. Guerreiro Ramos coloca como exemplo, um objeto cultural, o Estado, pode ser considerado sob várias sentidos ou conteúdos (*nóemas*) onde cada uma desses conteúdos esta referido ao ato referencial do sujeito (*nóesis*) ou sociólogo. Assim, os diferentes *nóemas* do Estado podemos utilizá-los como subsídios, em uma *nóesis* não meramente imitativa, mas dotada, para nós, de autêntica intencionalidade.

A redução sociológica só admite a universalidade da ciência tão somente no domínio dos enunciados gerais: Guerreiro Ramos compreende muito bem a intenção da Fenomenologia em relação à ciência, ele diz; “a redução sociológica não implica, de modo algum, negar a universalidade da ciência. Seu propósito é apenas levar o cientista a submeter-se à exigência de referir o trabalho científico à comunidade em que vive” (Ramos, 1958:94) isto é, como um ser engajado que busca sua autenticidade, sua Humanidade. Admite que “a sociologia como toda ciência, é universal em duplo sentido. Em primeiro lugar, porque, no mundo contemporâneo, os povos não estão compartimentados, mas estreitamente relacionados uns com os outros. Assim, em cada momento, o avanço científico obtido em um país tende a propagar-se rapidamente por todos os outros países. Mais do que nunca, a ciência é universal porque resulta de um esforço organizado de especialistas dispersos por toda parte... A ciência é, pois, universal, enquanto patrimônio de aquisições comuns a todos os cientistas do mundo. O estado geral da ciência influi necessariamente no cientista de determinado país, como a elaboração nova de um especialista de determinada nação inevitavelmente terá repercussões universais”. (Ramos, 1958:94).

Guerreiro Ramos apresenta o outro sentido: “é universal a ciência enquanto todos os que a ela se devotam estão, em determinado momento, em um mesmo círculo semântico, isto é, admitem como válido um mesmo repertório central de enunciados” ou um “elenco central de categorias universais”. (Ramos, 1958:95).

Dessa maneira, seguindo o caminho cronológico de sua produção intelectual chegamos a sua obra a **Nova ciência das Organizações** (1989), que ao requer de mais tempo para interpretá-la, somente enfocarei alguns aspectos relevantes auxiliando-me de perguntas e respostas:

Por que ele colocou “nova ciência” ? ; porque ao se apoiar desde os começos de sua produção intelectual na Fenomenologia Husserliana ele chega nos estudos da Hermenêutica de Heidegger e de Ricoeur, pois ele imprime o sentido que eles deram à ciência; isto é, “ciência rigorosa do mundo vivido (Lebenswelt)” e como o “diálogo entre o saber filosófico e o saber científico”.

Por exemplo quando ele manifesta: “Este livro enfoca uma distinção entre racionalidade substantiva e racionalidade formal, distinção que tem sido proposta por alguns grandes pensadores contemporâneos, mas que nunca foi completamente explorada por eles como um dado referencial para estabelecer a diferença entre dois tipos de ciência social. A distinção não deveria ser considerada um exercício didático: propõe um dilema existencial (...) o que teoricamente arruína a ciência social convencional não é seu caráter formal; é antes, o desconhecimento de seu caráter paramétrico, isto é, de seu *penchant* para apoiar-se numa visão de mundo inerente a um precário clima histórico de opinião”. (Ramos, 1989:194).

Aqui vemos a busca de Guerreiro Ramos do diálogo entre o “mundo da vida” e o “mundo da ciência”, entre “sujeito e objeto”, entre “homem e natureza”. Isto é, sua preocupação de romper com as dicotomias que a ciência impôs, que colocam abismos nas possibilidades de vida dos grupos ou nações do mundo, mas não com o lado bom da ciência.

Além disso, lembremos o que ele nos diz quando propõe o “homem parentético”: que o homem é um ser racional que exercita ambas as racionalidades: a instrumental ou formal e a noética ou substantiva.

Qual seria a situação problemática da ciência das organizações que o faz propor uma “nova ciência das organizações” : Guerreiro Ramos nos manifesta que a problemática está no modo de como a teoria da organização está sendo construída, que além de não compreender essa multidimensionalidade da ciência, a teoria das organizações continua ingênua, paroquial pois não se inclina ao reconhecimento da transformação das sociedades ocidentais nos seus próprios valores.

A respeito disso, ele diz: “A teoria da organização tal como tem prevalecido, é ingênua. Assume esse caráter porque se baseia na racionalidade instrumental inerente à ciência porque se baseia na racionalidade instrumental inerente à ciência social dominante no Ocidente. Na realidade, até agora essa ingenuidade tem sido o fator fundamental de seu sucesso prático. Todavia, cumpre reconhecer agora que esse sucesso tem sido unidimensional e, (...) exerce um impacto desfigurador sobre a vida humana associada” (Ramos, 1989:1).

A palavra *ingenuidade* é usada aqui no sentido em que a empregou Husserl, que reconheceu que a essência do sucesso tecnológico e econômico das sociedades industriais desenvolvidas tem sido uma consequência da intensiva aplicação das ciências naturais. (Ramos, 1989:2).

O que Husserl quer dizer, com o momento pré-reflexivo, é quando o homem aceita os pressupostos da ciência como algo estabelecido a se cumprido e não exercita sua consciência crítica seu poder de reflexão, colocando entre parêntese seus pressupostos, juízos a priori e buscar o sentido real no sentido aparente. Ingenuidade, não no sentido de alienação como a ciência nos faz acreditar, pois o homem não está retirado do mundo mas “enredado no mundo” (Merleau-Ponty) e é “projeto dele” (Merleau-Ponty), não é ingênuo porque quer, mas porque não pode, quer dizer a ciência abafou esse lado reflexivo do homem, coisificou os valores do ser humano, daí que Guerreiro Ramos, ao compreender Husserl propõe o “homem parentético” o homem libertado psicologicamente da escravidão do caráter unidimensional da ciência.

Portanto, os homens que constroem a teoria das organizações tem prevalecidos ingênuos, porque priorizam o lado pré-reflexivo, porque exercitam mais sua racionalidade instrumental que a *noética* e a *parentética*.

Um segundo aspecto problematizado por ele é que a teoria das organizações é *paroquial*, ele diz a respeito : “a teoria organizacional existente já não pode mais esconder seu paroquialismo e ela é paroquial porque focaliza os temas organizacionais do ponto de vista de critérios inerentes a um tipo de sociedade em que o mercado desempenha o papel de padrão e força abrangentes e integrativos. Torna-se muda, quando desafiada por temas organizacionais comuns a todas as sociedades. Além disso, é paroquial porque se alimenta da fantasia da localização simples, isto é, da ignorância da interligação e da interdependência das coisas, no universo, lida com as coisas como se as mesmas estivessem confinadas em seções mecânicas de espaço e tempo”. (Ramos, 1989:198). Guerreiro Ramos enfoca com sentido de verdade o que a teoria das organizações com sua racionalidade instrumental consegue fazer, isto é, setorizar, separar o que não é separado do mundo, retirar o homem do seu ambiente atual hipercompetitivo, sem entender que é um Ser engajado ou inserido no mundo num tempo e espaço *intersubjetivo*.

Guerreiro Ramos, ainda nos faz compreender que a teoria da organização não se inclina ao reconhecimento da viabilidade das sociedades ocidentais nos seus próprios valores. Ele diz a respeito disso, “Essa teorização é completamente insensível a fatos dramáticos, que demonstram que o modelo ocidental de industrialização perturba a base organizacional das sociedades periféricas, em lugar de lhes aumentar as possibilidades de perduração como sistemas autodeterminativos. Uma teoria de organização verdadeiramente *universal* não se pode permitir semelhante paroquialismo histórico. Ao contrário, deveria admitir que a busca de requisitos organizacionais constitui assunto concreto em cada sociedade, desafiando conceitos e princípios(...)”. (Ramos, 1989:200). Do mesmo modo que a Fenomenologia, Guerreiro Ramos aceita o fato que a ciência é fonte de universalidade isto é, “nos faz ter uma consciência planetária, como Humanidade nesta fase de nossa civilização” (Ricoeur) , mas que não pode ser paroquial e estreitar as diferenças culturais das nações do mundo mas contribuir na preservação de suas singularidades tendo como desafio “a busca do em comum”.

Guerreiro Ramos propõe uma “ciência multidimensional da organização”, quer dizer, o homem “engajado e datado” no seu contexto atual que é globalizado, polissêmico, hipercompetitivo, senão vejamos como ele dá “relevância ao Ser Humano” no contexto da produção de bens, enfocando a moral e a ética como valor intrínseco do homem, ele assevera que: “(...) o pressuposto fundamental da nova ciência das organizações (...) é ao mesmo tempo, uma questão técnica e uma questão moral.

Em nosso aqui e agora, as organizações e seu ambiente de hipercompetição o saber fenomenológico poderá auxiliar como postura metodológica para solucionar conflitos existenciais que aparecem no dia-a-dia das estruturas organizacionais, na tomada de decisões nos níveis estratégico e tático.

A nível estratégico esta abordagem pode contribuir para solucionar a problemática existente entre as pessoas que elaboram o planejamento estratégico de TI e o planejamento de negócios, chamados de *Chief Executive Officer*- CEO e *Chief Information Officer* – CIO.

Pesquisas acerca do alinhamento entre TI e negócios como de Rezende, 2002 intitulado “Alinhamento de planejamento estratégico da tecnologia da informação ao planejamento empresarial” identifica que um dos principais construtos sustentadores para o alinhamento das empresas são as pessoas (RH) com uma representatividade de 47,5% e com 31% o contexto organizacional (CO), seguidos de TI com 11% e de

Sistema de Informações com 10,84% o que significa que deve-se dar um especial tratamento nas pessoas(RH) para conseguir o alinhamento esperado.

Portanto, como menciona Guerreiro Ramos devemos ir à busca de uma nova ciência ou de um novo saber como é a fenomenologia para compreender e solucionar a problemática existencial nesse alinhamento.

4. CONCLUSÕES

Com a busca do sentido fenomenológico nas obras de Guerreiro Ramos esperamos revelar a compreensão da Fenomenologia e como esta abordagem foi aproveitada por Guerreiro Ramos que alerta a necessidade de dar “relevância ao Ser Humano” nas organizações de vida.

Neste momento final de nosso estudo, que não podemos ser considerá-lo acabado, mas pelo contrário aberto a provocar a “retomada”, a “volta às coisas nelas mesmas” (Husserl), somente um momento existencial que nos permite construir algumas “*reflexões finais*” de nosso encontro com Guerreiro Ramos.

Podemos perceber através do estudo dos textos alvos que o autor valeu-se de alguns aspectos fundamentais e originais da Fenomenologia, ele segue as idéias de Husserl, mas colocando entre parênteses outras idéias que a Fenomenologia não rejeitaria, tentando ser ele próprio oferecendo uma idéia original às ciências sociais.

Dentre das Correntes Fenomenológicas Guerreiro Ramos optar principalmente pela **Fenomenologia Transcendental** de Husserl e também pela **Fenomenologia Existencial** de Heidegger e em alguns momentos pela **Fenomenologia Sociológica** de Gurvitch, Monnerot e Stern.

O autor tentou transpor a modo de intercomplementariedade alguns aspectos fundantes da Fenomenologia no campo da ciência social.

- Respeito à redução sociológica : é a “redução fenomenológica” transportada ao campo da Sociologia Brasileira, expressa as séries de atitudes visando chegar, através do vivido, ao núcleo essencial ou invariante. Para isso é necessário que o mundo exterior seja colocado “entre parênteses” ou *epoqué* para se chegar à essência ou as coisas mesmas.

E, logicamente, o trabalho de Guerreiro Ramos intitulado de “Redução Sociológica” também é considerado como um exercício de “redução fenomenológica” no campo da sociologia onde ele tenta descrever a personalidade cultural do Brasil como perspectiva particular, graças à força de sua produção teórica inovadora, sugerindo como método a “redução sociológica” que habilite ao estudioso a praticar a transposição de conhecimentos e de experiências de uma perspectiva para outra, orientada pela idéia que existe uma perspectiva : a brasileira, de tal maneira que possa ficar livre das transplantações ou importações de idéias e melhor construir uma sociologia verdadeiramente brasileira.

Guerreiro Ramos chega a valer-se da “redução” como atitude metodológica daí a sua idéia do homem colocado entre parênteses, “homem parentético”, e valendo-se da “redução sociológica” para desvelar a consciência crítica da realidade brasileira no contexto dos anos 50-60, senão vejamos em próprias palavras do autor: “*Sem aceitar o idealismo de Husserl e Heidegger, nada impede de acolher a atitude metódica por eles perfilhada, a qual, em essência, se define por um propósito de análise radical dos objetos no mundo*” (Guerreiro Ramos, 1958:63).

Cabe destacar, que ele chegou nas fronteiras do saber Fenomenológico sem mergulhar ou adotar dita postura em sua totalidade, pois, ao colocar entre parênteses aspectos fundamentais do “mundo da vida” não vá à busca da “redução eidética”, isto e,

o *eidós* ou essência do seu desvelar, no sentido de oculto-escondido, ou como diz Ricoeur a Fenomenologia busca a verdade ou verdades no mundo da vida através da lógica da probabilidade e não da validade que nos faz seres como “projeto”, como possibilidade ou como “totalidade em aberto”.

Além disso, já que a “redução fenomenológica” se opõe à transplantação de idéias e/ou de coisas, Guerreiro Ramos também critica a prática das transplantações literais, largamente realizada nos países de formação colonial como o Brasil, implica a concepção ingênua de que os produtos culturais produzem os mesmos efeitos em qualquer contexto. Desde que, porém, se forma, no espaço que deixa de ser colonial, a consciência crítica, pelo imperativo da realidade de um projeto comunitário, de uma tarefa substitutiva no âmbito da cultura.

Guerreiro Ramos posiciona-se respeito à Fenomenologia como ele mesmo disse em “reciprocidade de influencias que permita compreender a idéia de mundo, que torna inteligíveis as relações entre sujeito e o objeto” (Ramos, 1958:77) pois ele tenta romper com a velha dicotomia entre sujeito-objeto e conciliar o método científico com o método filosófico (Fenomenológico). Apreende da abordagem Fenomenológica algumas de suas categorias fundantes como da “intencionalidade”, “condição-humana” e a “redução”, cruza as outras categorias sem criticá-las nem destruí-las e tenta a partir daí construir uma atitude vinda desta abordagem que lhe permita ficar preocupado com as situações problemáticas do mundo organizacionais, dando relevância ao Ser Humano.

Guerreiro Ramos legitima sua ação nas organizações de vida associadas e vê a atitude redutora como algo “não plenamente válida, no campo da ciência, precisa basear-se num esforço de reflexão, hábil para demonstrar, de modo consistente, as razões nas quais se fundamenta, em cada caso” (Ramos, 1958: 47). Busca ainda as razões das demonstrações científicas e não as verdades do mundo da vida, que a Fenomenologia não rejeita, certo, mas que vá além disso, ele se esforça por romper com a dicotomia sujeito-objeto e homem-natureza, que a Fenomenologia não admite. Sua obra toda manifesta essa angústia da objetividade da ciência em detrimento da condição-humana.

As idéias de nosso autor apoiado na fenomenologia confirma que a abordagem fenomenológica serve como referencial para o estudo da ação humana nas organizações, destacando a relevância da condição humana e sua legitimação no mundo da vida. Proposta que deve ser levada em consideração pelos administradores do modo como Guerreiro Ramos a apresentou pois não podem esquecer que a empresa é constituída por pessoas e não máquinas que cumprem tarefas, daí a proposta de Guerreiro Ramos de construir uma “nova ciência das organizações” priorizando o humano.

Auxiliamos do referencial Fenomenológico da mesma maneira que Guerreiro Ramos o fez nos ajudaria a compreender nosso mundo vivenciando a Globalização em todos os sentidos e assumir como desafio a relevância do Ser humano na tarefa administrativa.

- Respeito ao Homem Parentético : Guerreiro Ramos se apóia nas idéias de Husserl, pois para a Fenomenologia da Percepção e a Fenomenologia Existencial o homem é um Ser engajado no mundo, um Ser sendo-com-o-outro, um ser que vive sua liberdade engajado daí que não há distinção entre homem e mundo; não busca perspectivas nem vale-se do método científico, senão descreve o mundo tal como se apresenta à consciência, pois sua atitude é filosófica e seu método também é filosófico.

Além disso, não pretende alcançar um nível de pensamento conceitual, racional e intelectual, mas como diz Fraga (1994:57) “alcança um nível de conhecimento intuitivo pré-conceitual, originário, fundante, não apenas intelectual, racional.”

Respeito do sistema social e da organização, “redefine prioridades sociais e organizacionais a partir de critérios filosóficos da Relevância do Humano e da Legitimação da Ação no “mundo da vida”, no sentido da intersubjetividade, do Ser do humano”. (Fraga, 1994: 57).

E, finalmente a liberdade do homem não é limitada pelo social, cultural e pelo legal pois para a Fenomenologia a visão de “pessoa-em-situação” exclui a de liberdade absoluta pela sua idéia originária de engajamento. Como diz Merleau-Ponty (1971) “Liberdade é o poder de ser sujeito das próprias experiências, não é distinta da inserção no mundo”.

Por isso, como nos manifestou Guerreiro Ramos, necessitamos apenas de uma crítica radical da razão organizacional, e para isso está surgindo uma abordagem parentética que possa responder com Humanidade o desenho organizacional.

- Respeito aos Fundamentos Fenomenológicos para uma Nova Ciência das Organizações. Foi interessante desvelar que esta proposta de Guerreiro Ramos teve suas raízes na sua obra “a redução sociológica”, a qual por meio do exercício da *époqué* que visa a *redução eidética*, abriu o horizonte para o refletir da própria ciência, tal como ela estava sendo encaminhada pelos cientistas sociais e especificamente nos países periféricos como ele mesmo diz.

O autor sente a necessidade de assumir como tarefa: ir em busca de uma verdadeira ciência das organizações, que leve em consideração os fundamentos existenciais no ato da produção científica, que outorgue relevância ao Ser do Humano e legitime sua ação administrativa no mundo da vida.

Sendo dessa maneira a teoria das organizações deixará de ser ingênua e paroquial dando a seus critérios de universalidade o poder de prever as conseqüências que vão a detrimento do ser humano e não somente priorizar resultados de caráter econômico.

BIBLIOGRAFIA

- CAPALBO, Creusa et all. Fenomenologia e Hermenêutica. RJ. Âmbito Cultural, 1983.
- FRAGA, Valdez F. Gestão da Formação Humana em Tecnologia Avançada. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1994.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. “Simpósio Guerreiro Ramos: Resgatando uma Obra”. Revista de Administração Pública. RAP. nº. 2, ABR/JUN., Vol. 17, Rio de Janeiro, 1983
- HUSSERL, Edmund. Idées Directrices pour une Phénoménologie. Paris, Gallimard, 1957
- REZENDE, Denis Alcides. Alinhamento do Planejamento estratégico da tecnologia da informação ao planejamento empresarial: proposta de um modelo e verificação da prática em grandes empresas brasileiras. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção. Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.
- RICOEUR, Paul. Interpretação e Ideologias. Organizado por Hilton Japiassu, -----. Teoria da Interpretação. Edições 70, Lisboa, 1976
- RAMOS, Guerreiro Alberto. A Redução Sociológica (Introdução ao Estudo da Razão Sociológica). Textos Brasileiros de Sociologia. Rio de Janeiro. 1958
- RAMOS, Guerreiro Alberto – “Modelos de Homem e Teoria Administrativa”. Revista de Administração Pública. vol.19 nº. 2 (3-12) ABR/JUN. Rio de Janeiro, 1984.
- RAMOS, Guerreiro Alberto - A Nova Ciência das Organizações. Uma reconceituação da riqueza das nações. 2ª edição. Editora da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 1989.